

# EM TORNO DA LINGUAGEM: UM OLHAR DIALÓGICO

Amanda Maria de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva revisitar conceitos teóricos abordados pelo Círculo de Bakhtin. Para tanto, abordamos algumas das discussões recorrentes nos escritos do Círculo, como conceitos de enunciado e gêneros do discurso, ideologia e valoração, bem como as relações dialógicas. Frente às reflexões resultantes do caminho teórico percorrido, entendemos que os conceitos apresentados pelo Círculo não estão circunscritos em obras isoladas ou em discussões acabadas, mas são constantemente retomados em diferentes contextos e em novas reflexões. O presente trabalho se faz relevante na medida em que contribui para a compreensão dos conceitos discutidos e propõe uma possibilidade de adentramento nas discussões teóricas do Círculo de Bakhtin.

**PALAVRAS-CHAVE:** Círculo de Bakhtin. Conceitos teórico-metodológicos. Dialogismo.

**ABSTRACT:** This paper aims at revisiting theoretical concepts discussed by Bakhtin Circle. To do so, we considered some recurrent discussions developed through Bakhtin Circle works, as concepts of utterance and discourse genre, ideology and evaluation as well as dialogic relationships. Considering the results of the present discussion, we understand that the concepts presented by Bakhtin Circle aren't circumscribed in specific texts or finished discussions; those reflections are constantly revisited in different contexts and new situations. This article is relevant since it contributes to the understanding of those concepts and offers one possibility to go through the theoretical discussions of Bakhtin Circle.

**KEYWORDS:** Bakhtin Circle. Theoretical and methodological concepts. Dialogism.

## 1. Introdução

O presente artigo objetiva desenvolver uma revisão teórica de alguns dos conceitos fundamentais apresentados nas obras do Círculo de Bakhtin. Para tanto, retomamos as concepções de gêneros do discurso, de enunciado, ideologia, valoração e das relações dialógicas, ao mesmo tempo em que buscamos, no decorrer das discussões, estabelecer diálogos entre os referidos conceitos, no intuito de não circunscrever as discussões em direcionamentos acabados

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela UFSC. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

em si mesmos, mas entender os referidos conceitos por meio do diálogo e dos elos estabelecidos no decorrer das discussões desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin.

Em termos de organização, o trabalho está disposto em cinco seções. Na primeira seção, situamos os objetivos do artigo. Na segunda seção, abordamos os conceitos de enunciado e gêneros do discurso, ao mesmo tempo em que buscamos entender sua relação intrínseca, conforme proposto nas discussões do Círculo. Por conseguinte, retomamos as discussões acerca de ideologia e valorização, relacionando-os, ao mesmo, tempo, ao conceito de enunciado, de modo a entender como se concretizam na comunicação discursiva. Por fim, abordamos as discussões acerca das relações dialógicas, concebidas em termos bakhtinianos e seguimos para as considerações finais.

Ressaltamos que a presente proposta de revisão dos conceitos apresentados pelo Círculo não é exaustiva, pois buscamos propor, no presente trabalho, apenas uma das inúmeras abordagens que podem ser seguidas no estudo teórico. Ademais, damos relativo acabamento aos conceitos do Círculo aqui discutidos, pois reconhecemos a profundidade e complexidade da obra bakhtiniana.

## **2. Enunciado e gêneros do discurso**

Na presente seção, buscamos compreender os conceitos de enunciado e gêneros do discurso a partir de um diálogo estreito entre ambos, frente à impossibilidade de dissociarmos essas concepções. Nesse sentido, refletimos acerca do conceito de enunciado em acordo com as discussões desenvolvidas pelo Círculo, e, em seguida, contextualizamos as discussões referentes aos gêneros do discurso.

Conforme as discussões do Círculo de Bakhtin, o estudo do enunciado deve prescindir da compreensão de sua real natureza, ou seja, enquanto unidade da comunicação discursiva a serviço das situações de interação. Assim, o conceito de enunciado só pode ser entendido na medida em que assumimos que ele só se concretiza na interação entre sujeitos situados socialmente, pois o enunciado não é reflexo do conteúdo interior do interlocutor que enuncia, mas se integra ao contexto extraverbal.

Nesse sentido, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) explicam que a relação do enunciado com o contexto extraverbal se dá na medida em que a enunciação é determinada pela situação social, considerando tanto o contexto imediato de interação, como também a situação mais ampla. No que diz respeito à interação imediata, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) explicam que toda enunciação está orientada para um interlocutor, seja ele real participante da interação ou um público presumido, por exemplo. Quanto à situação mais ampla, os autores explicam que a enunciação é envolvida pelas condições sócio-histórico-culturais e ideológicas, pois o enunciado leva em conta não somente os participantes imediatos da interação, como também valores e posições ideológicas que subjazem esses papéis. É nessa relação entre situação imediata e contexto mais amplo, portanto, que o enunciado se orienta socialmente (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]).

Bakhtin (2011 [1979]) explica que o enunciado possui peculiaridades que lhe dão acabamento e o distinguem das unidades da língua. As peculiaridades do enunciado são, segundo Bakhtin (2011 [1979]), (i) a expressividade, (ii) a alternância entre os sujeitos do discurso e (iii) a conclusibilidade. Sobre a *expressividade*, o autor explica que são índices de valor integrados ao enunciado, pois afirma que nenhuma enunciação é neutra, mas é sempre atravessada por valores sociais, por apreciações, pontos de vista, enfim, por índices de valor que expressam a tomada da palavra, e, portanto, evidenciam uma posição social.

Ainda sobre a expressividade, essa peculiaridade também determina a seleção de recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. A expressão desses recursos marca a relação valorativa do sujeito não só com outros participantes da interação e seus papéis sociais, mas também com o objeto do discurso, com seu conteúdo temático, bem como reflete as condições sociais que circunscrevem a interação. Em síntese, a expressividade reflete, no enunciado, as relações valorativas do sujeito com a situação de interação, ou seja, com o extraverbal.

A segunda peculiaridade consiste na *alternância dos sujeitos do discurso*, que, segundo Bakhtin (2011 [1979]), determina o relativo acabamento do enunciado. Isso se dá na medida em que a alternância dos sujeitos delimita o enunciado e o situam enquanto elo da comunicação discursiva, pois leva em conta os já-ditos, isto é, responde aos enunciados outros, ao mesmo

tempo em que considera a possível atitude responsiva do outro, ou seja, os pré-figurados. Em outras palavras, a alternância demarca o início e o fim do enunciado e lhe dá acabamento e permite a passagem da palavra ao outro. Além disso, embora a alternância dos sujeitos do discurso se mostre de modo mais explícito na comunicação face a face, conforme explica Bakhtin (2011 [1979]), os limites do enunciado também são demarcados em campos da comunicação complexos, como as interações nas quais os participantes não partilhem do mesmo espaço. Assim,

Complexas por sua natureza, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e artísticos, a despeito de toda diferença entre elas e as réplicas do diálogo, também são pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso [...]. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 279).

Por fim, intimamente relacionada à peculiaridade anterior, Bakhtin (2011 [1979]) traz o conceito de *conclusibilidade*. Segundo o autor, a conclusibilidade está intrínseca à alternância dos sujeitos do discurso na medida em que dá acabamento ao enunciado, permitindo aos participantes da interação, portanto, a tomada da palavra. Dito de outro modo, a conclusibilidade atribui a inteireza ao enunciado, pois o interlocutor entende o “dixi” conclusivo e assume o turno da fala, ou seja, toma a palavra.

De acordo com Bakhtin (2011[1979]), a conclusibilidade possui três elementos que, intimamente relacionados a essa peculiaridade, conferem o acabamento ao enunciado. Nesse sentido, os elementos que estão intrinsecamente relacionados à conclusibilidade são (a) a exauribilidade do objeto e do sentido; (b) o projeto de discurso ou vontade discursiva do falante e (c) as formas típicas de gênero do enunciado. O primeiro elemento diz respeito ao esgotamento semântico-objetual que, dependendo do contexto de interação, pode ser quase pleno. Em campos de ordem militar, por exemplo, a exauribilidade do objeto é quase plena, enquanto que nos campos das artes, frente à possibilidade de introdução do elemento criativo, o esgotamento pode se concretizar de formas diversificadas.

No que se refere ao projeto discursivo, Bakhtin (2011 [1979]) explica que está intimamente relacionado ao primeiro na medida em que a vontade discursiva do falante é o que

determina o todo do enunciado, que é percebido pelo interlocutor e permite, portanto, a medição da conclusibilidade da enunciação. Em outras palavras, a partir da compreensão da vontade discursiva do falante, é possível medir a extensão e o volume e do enunciado, por exemplo. Essa vontade discursiva, de acordo com Bakhtin (2011 [1979]), não se concretiza como resultado apenas da vontade do falante, mas leva em conta as condições de interação, como participantes e as circunstâncias sociais. Além disso, Bakhtin (2011[1979]) explica que, sobretudo, a vontade discursiva do falante se concretiza pela escolha do gênero do discurso, ou seja, de uma forma típica de enunciado, o que direciona a discussão para o terceiro elemento do enunciado. Faria e Silva (2010), ao explicar a indissolubilidade entre a intenção discursiva do falante, afirma que

A intenção discursiva do autor está associada à escolha do objeto que ganha “certa exauribilidade”, bem como ao volume e às fronteiras do enunciado. Da mesma forma, esses elementos associam-se à escolha do gênero em que se dará o enunciado. As formas estáveis de gêneros do enunciado, funcionando como forças coercivas, influenciam a intencionalidade do falante. (FARIA E SILVA, 2010, p. 80, grifos da autora).

Conforme a proposta do presente trabalho, buscamos entender a relação que o Círculo de Bakhtin estabelece entre enunciados e gêneros do discurso. Frente a isso e tomando como ponto de partida a última peculiaridade do enunciado acima discutida, isto é, as formas típicas da enunciação, abordamos, a seguir, o conceito de *gêneros do discurso*, pois entendemos que se faz necessária a ligação entre as discussões aqui empreendidas de modo a compreendermos ambos conforme a concepção dialogicamente constituída pelo Círculo, que revisitamos no presente artigo.

Nesse sentido, conforme Bakhtin (2011[1979]), a realização do projeto discursivo não depende apenas da escolha do falante, nem se concretiza de modo aleatório, mas prescinde da escolha do gênero. Além disso, o autor afirma que a escolha do gênero está intrinsecamente relacionada com a situação de interação, considerando, portanto, os participantes, o contexto no qual o sujeito está inserido, aspectos de ordem semântico-objetal, enfim, todas as condições sociais que circunscrevem determinada situação social.

Entendendo que os gêneros medeiam as práticas discursivas dos falantes, ou seja, orientam a concretização do enunciado, Bakhtin (2011 [1979]) explica de que maneira os gêneros

possibilitam a mútua compreensão entre os participantes da interação. A comunicação discursiva só é possível, de acordo com o autor, porque dominamos os gêneros do discurso, uma vez que a comunicação não seria possível se tivéssemos que reinventá-los a cada novo evento discursivo. Os gêneros do discurso oferecem, ao falante, formas de acabamento do enunciado, na medida em que delimitam seu volume e estabelecem seus limites, ou seja, o início e o fim da enunciação. Portanto, segundo Bakhtin (2011[1979]), a escolha do gênero do discurso implica não somente na seleção de recursos que determinam a realização do projeto discursivo, como, em adição, permite que os participantes da interação tenham uma ideia da totalidade do enunciado, ou seja, oferece um horizonte de expectativas frente ao discurso do outro. Em síntese, entendemos que os gêneros do discurso, ao mesmo tempo em que possibilitam a comunicação, medeiam as práticas dos sujeitos que interagem socialmente.

Assim, considerando as discussões de Bakhtin (2011[1979]) acerca do papel que os gêneros do discurso exercem na comunicação discursiva, podemos afirmar que são os gêneros que estabilizam as diferentes formas de atividade humana. O autor afirma que os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011[1979]), ou seja, são formas de dizer, formas de agir socialmente que se regularizaram de certa maneira e que, portanto, orientam a tomada da palavra, o desenvolver da interação, enfim, a comunicação discursiva socialmente situada.

Ainda acerca da relativa estabilidade dos enunciados, vale ressaltar que o Círculo não concebe essa regularidade do ponto de vista estrutural, o que vai de encontro à postura dialógica tomada. Na verdade, a estabilidade diz respeito às diferentes práticas discursivas que se realizam por meio da linguagem e que só podem se concretizar através do emprego dos gêneros do discurso, o que aproxima os diferentes usos da linguagem em práticas semelhantes. A estabilidade, explica Bakhtin (2011[1979]), se faz necessária na medida em que se tipificam modos de falar, modos de agir, e é justamente essa regularidade que orienta nossas práticas sociais e possibilita a comunicação discursiva.

Apesar da relação entre estabilidade e normatividade parecer paradoxal à primeira vista, Sobral (2009) esclarece como há essa relação harmoniosa entre formas estáveis e variáveis. O autor explica que a normatividade característica dos gêneros não constitui formas cristalizadas e

imutáveis, mas que transcende ao nível estrutural da língua. Na verdade, existe a necessidade, no ambiente sócio-histórico de interação humana, de que formas de dizer, formas de agir, se estabilizem e, portanto, tipifiquem as práticas sociais. Essa normatividade não faz parte do plano linguístico propriamente dito, pois, conforme Sobral (2009), isso não é admissível no âmbito da comunicação discursiva, já que não nos comunicamos por frases, mas por meio de enunciados concretos (como dito anteriormente). O autor explica que o gênero não é uma entidade abstrata, mas se concretiza a cada uso da linguagem, a cada evento de interação social. Segundo Sobral (2009), “sua lógica [dos gêneros] não é abstrata, porque se manifesta em cada variedade nova, em cada nova obra, portanto, o gênero não é rígido em sua normatividade, mas dinâmico e concreto.” (SOBRAL, 2009, p.117).

Essa regularidade inerente aos gêneros parece não ser possível frente à multiplicidade de formas de agir socialmente, pois Bakhtin (2011 [1979]) explica que os gêneros são infinitos frente à diversidade de formas de atividade humana. Em cada campo de atividade, há gêneros que medeiam as interações e que se reelaboram ou desaparecem à medida que as condições da comunicação também se reorganizam, de modo a atender as diferentes necessidades das esferas nas quais circulam. Assim, sem descurar da multiplicidade dos gêneros do discurso e das possibilidades de atividade humana, Bakhtin (2011 [1979]) procura entender as regularidades dos gêneros, pois, se eles refletem as condições sociais de interação e medeiam as práticas realizadas por meio da linguagem, o autor busca justamente diferenciá-los considerando as condições das esferas nas quais se constituem e funcionam.

Nessa concepção, o autor delinea as concepções de gêneros primários e secundários, buscando, a princípio, entender as semelhanças de ambos no que respeita ao seu processo de formação. No que se refere aos gêneros primários, Acosta Pereira (2012), à luz dos escritos do Círculo, afirma que são os gêneros produzidos e significados em situações de interação imediata, ou seja, estão vinculados às ideologias do cotidiano e medeiam situações menos complexas da comunicação humana. Quanto aos gêneros secundários, Bakhtin (2011 [1979]) explica que estes surgem em convívios culturais organizados e mais complexos, como a esfera científica, literária, gêneros publicísticos, dentre outros.

Assim, Bakhtin (2011 [1979]) busca estabelecer regularidades inerentes aos gêneros sem descuidar as condições sociais do contexto de interação. Além dessa definição, o autor ainda apresenta três instâncias constitutivas que dialogam na estabilização dos gêneros do discurso em dada esfera de interação, que são o *tema* (ou *conteúdo temático*), a *forma composicional* e o *estilo*. O primeiro aspecto, isto é, o *conteúdo temático*, constitui o domínio de sentido, ou seja, a totalidade de sentido de que o gênero se ocupa (SOBRAL, 2009, p. 118). Cada gênero tem um conteúdo temático específico, pois, conforme as discussões anteriores, os gêneros circulam nas mais diferentes esferas da interação humana e medeiam inúmeras e distintas situações de comunicação. Portanto, dão conta de domínios de sentidos diversos, porém circunscritos a essas esferas.

No que se refere à *forma composicional*, buscamos, *a priori*, distanciar esse conceito da concepção de estrutura, ou seja, de formas cristalizadas. Como discutido anteriormente, os gêneros não estão alheios à situação de interação, pois refletem as condições sócio-históricas do contexto. Acosta Pereira (2012) faz a distinção entre forma e composição, explicando que a última dá conta da disposição e orquestração dos gêneros, que se estabilizam relativamente em decorrência da sua constante renovação por meio do uso da linguagem, diferentemente de uma compreensão essencialmente estrutural (normativa ou imanente). Nesse sentido, todo gênero possui uma forma composicional, ou seja, uma disposição de elementos de ordem linguística que permite a realização do projeto discursivo dos sujeitos nas situações de interação.

Por fim, o *estilo* diz respeito à seleção de recursos, sendo estes “fraseológicos, gramaticais e lexicais da língua” (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 42). Bakhtin (2011 [1979]) explica que os gêneros têm estilo próprio, uma vez que nem todos permitem a expressão da individualidade do falante. Nesse sentido, o estilo individual pode ser mais ou menos expresso, dependendo da escolha do gênero e das condições de interação. Os gêneros literários, por exemplo, favorecem maior expressão da individualidade, enquanto que os padronizados pouco oferecem espaço para o estilo “individual”, como, por exemplo, as interações padronizadas do campo militar, nas quais o estilo do gênero prevalece (como já mencionado anteriormente).

Considerando que os gêneros do discurso não são formulações estanques, mas regularidades socialmente constituídas, os aspectos que indissolivelmente os constituem variam



na medida em que se considera que há inúmeras formas de interação humana concretizadas por meio da linguagem. Em outras palavras, o tema, a forma composicional e o estilo estão relacionados às condições de interação e aos aspectos que a constituem, isto é, os participantes, a esfera da atividade, bem como o contexto sócio-histórico no qual as práticas mediadas pelos gêneros estão inseridas. Dessa maneira, as regularidades inerentes aos gêneros refletem as condições de interação, são justamente determinadas por elas e se reinventam à medida que os gêneros são reelaborados e ressignificados.

A partir das discussões desenvolvidas no decorrer da seção, entendemos a relação intrínseca entre enunciados e gêneros do discurso, na medida em que compreendemos, em termos bakhtinianos, qual a real unidade da comunicação discursiva. A interação, concretizada apenas por meio de enunciados, é mediada pelos gêneros do discurso, sendo que estes não oferecem formulações acabadas e que moldem o enunciado, mas estabilizam formas de enunciar, de interagir socialmente e, portanto, regularizam práticas sociais das quais participamos nas mais distintas esferas sociais. É com essa postura reflexiva, portanto, que buscamos reenunciar as discussões do Círculo acerca do enunciado e dos gêneros do discurso.

Após as considerações sobre os conceitos de enunciado e de gêneros, abordamos, na seção seguinte, as discussões referentes à ideologia e valoração.

### **3. Ideologia e valoração**

Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]), ao apresentarem o conceito de ideologia, afirmam que há duas condições para sua existência, que são a necessidade de materialização semiótica e seu caráter social. Sobre a semiotização, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) afirmam que essa é a condição de existência da ideologia, posto que “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 31, grifos dos autores). No que se refere ao caráter social da ideologia, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) entendem que o signo não é produto da relação estabelecida entre as unidades da língua, mas emerge da interação social, ou seja, do contexto extraverbal. Nenhuma tomada da palavra, ou seja, nenhuma ação é neutra, mas todo ato

social é perpassado por ideologias que, portanto, não são alheias ao signo, mas o atravessam e o determinam enquanto ideologia semioticamente constituída.

A ideologia pode ser interpretada, erroneamente, como produto individual do resultado da fala de um sujeito, ou seja, alheio a sua natureza social. Faraco (2009) explica que Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) já projetam essa interpretação e afirma que, de acordo com o Círculo, o conceito de ideologia, em termos bakhtinianos, é o nome dado ao universo que engloba a arte, a religião, a ética, a política, isto é, todas as manifestações ditas superestruturais (FARACO, 2009). Nesse contexto, Bakhtin e Volochínov (2009 [1929], p. 36) explicam sua concepção acerca dos fenômenos ideológicos:

Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p.36)

Essa natureza do signo ideológico, de acordo com a concepção dos autores, distancia-o em relação às unidades da língua e à palavra neutra. Assim como o enunciado, sobre o qual discutimos na seção anterior, o signo não é produto das relações estabelecidas entre as unidades da língua, mas emerge da interação verbal, pois conforme explicado, tem caráter social. Quanto à palavra neutra, entendemos que, enquanto unidade da língua, a palavra tem natureza estrutural; somente no contato com a realidade é que a palavra neutra passa a ser um signo. Em adição, esse contato do signo com a realidade vincula-o a funções ideológicas específicas, conforme Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]), e, portanto, só pode ser compreendido no contato com as esferas nas quais circula. Diferentemente dos signos ideológicos, a palavra neutra pode exercer qualquer função, pois não está diretamente vinculada à realidade ou a um contexto social específico. Assim,

A emoção, o juízo de valor, expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o significado de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extraemocional. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 292).

Ao assumirmos o caráter social do signo ideológico, entendemos como a palavra ideológica permeia os diferentes contextos que circunscrevem a interação social. Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) afirmam que a palavra, entendida como produto extraverbal e de caráter ideológico, penetra todas as formas de interação humana, seja a da vida cotidiana e vinculada, portanto, à ideologia do cotidiano, seja o domínio dos sistemas ideológicos constituídos. Assim, a palavra ideológica se cristaliza não somente nos sistemas ideológicos complexos, mas vive na ideologia do cotidiano e dá o tom a esse domínio da palavra. Essa relação entre ideologia e as diferentes formas de interação social evidenciam o caráter social do signo, já que, conforme discutido anteriormente, não emerge das relações estabelecidas entre as unidades da língua, mas na interação verbal concretizada por meio da linguagem.

Ainda nessa relação entre a palavra e o contexto social, é necessário esclarecer que o signo ideológico não pode ser reduzido à representação unívoca e unidirecional da realidade, ou seja, não deve ser entendido como um “espelho” que apenas reflete a situação social. Essa relação entre o signo ideológico e a representação da realidade retoma o conceito de refração (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929]). Faraco (2009) discute que não há apenas uma interpretação da realidade na materialização semiótica, mas diversas valorações que são determinadas pelos diferentes modos pelos quais os sujeitos interagem socialmente, interpretam e valoram as ações e os acontecimentos. Dito de outro modo, as condições da realidade não nos são dadas de forma crua, pura, mas são refratadas e valoradas por diferentes sujeitos, com vivências únicas, com índices de valor distintos que dialogam e se entrecruzam na constituição da palavra ideológica. Assim sendo, a palavra ideológica é perpassada por acentos, por apreciações distintas que, semiotizadas, confluem ideologias, entrecruzam forças sociais, e, portanto, constroem pontos de vista ideologicamente constituídos acerca da realidade.

Nessa perspectiva, dialogamos com a concepção de Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) acerca da natureza do signo e da ideologia. Ambos são produto social e estão relacionados na medida em que a ideologia só existe enquanto material semioticamente constituído. Portanto, “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto de leis sociais e econômicas”. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 36).

Conforme a proposta do presente trabalho, buscamos relacionar o conceito de ideologia com demais discussões propostas pelo Círculo, como, por exemplo, as considerações acerca da *valorização*. De acordo com as discussões anteriores, Bakhtin (2011 [1979]) explica que não há neutralidade no discurso, pois o enunciado não é criado enquanto produto essencialmente individual, mas é socialmente orientado. Assim, o enunciado nunca é neutro, como já afirmado na seção anterior, mas é perpassado por apreciações, julgamentos de outrem com as quais o próprio enunciado dialoga, pois “é no extraverbal, compreendido como a sua dimensão social, que o caráter social do enunciado se constitui e se confirma, ou seja, que ocorre o trabalho da ideologia e da valorização que lhe é decorrente.” (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 6).

É nessa compreensão que o Círculo explica como todo ato é perpassado por tons emotivo-volitivos, ou seja, a impossibilidade de neutralidade nas ações do homem enquanto sujeito social, pois todo ato é atravessado por entonações avaliativas. Sobral (2009) explica que o ato experienciado pelo sujeito, se separado dos tons emotivo-volitivos que o atravessam, perde seu caráter único que é adquirido na experiência de seu real evento de vivência, ou seja, enquanto conteúdo sócio-histórico. Em outras palavras, toda atitude valorativa do sujeito só pode ser compreendida considerando o seu agir no contexto de situação social e histórica, pois retirá-lo dessa condição acaba por extinguir a unicidade dos tons emotivo-volitivos que lhe determinam enquanto posição socialmente constituída.

Essa expressão emotivo-volitiva não pode ser entendida, portanto, como produto acabado pela própria consciência do falante, mas como resultado de suas vivências socialmente construídas que são, por sua vez, atravessadas por ideologias, apreciações outras. Além disso, se todo ato é socialmente orientado, conforme as discussões acerca da real natureza do enunciado, o agir do sujeito, seja a tomada de consciência, seja a atitude responsiva enunciada, é perpassado por projeções valorativas e evidenciam a posição ativa e responsável do ser que age socialmente.

Nesse contexto, vale salientar que os tons emotivo-volitivos não se orientam apenas para sua experiência vivida, mas também para a experiência do outro, que também é social. Acosta Pereira e Rodrigues (2014) explicam que a atitude responsiva do sujeito em face do discurso alheio já constitui um ato valorativo, na medida em que respondemos ativamente aos outros participantes da comunicação. Nossa resposta não é um eco da voz do outro, que apenas repete os

já-ditos, mas avaliamos o discurso do outro e esses tons avaliativos perpassam a nossa tomada ativa da palavra que, conforme as discussões anteriores, é produto social e marcado pelas condições sócio-históricas tanto da situação imediata, quanto do contexto mais amplo.

Além dos tons emotivo-volitivos que perpassam a relação valorativa com o enunciado do outro, Bakhtin (2011 [1979]) explica que o sujeito também estabelece relações subjetivas emocionalmente valorativas com o objeto do discurso e seu sentido, bem como dialoga com as diferentes vozes que valoram esse mesmo objeto. O autor explica que o sujeito não ocupa uma posição neutra frente ao objeto do discurso, mas constrói pontos de vista, ou seja, juízos de valor. Em outras palavras, entendemos que a relação do sujeito com o objeto do discurso não é neutra (BAKHTIN, 2014 [1975]), mas socialmente construída e envolvida, portanto, por tons valorativos que possibilitam a tomada de posição, apreciações distintas, etc. Em adição, Bakhtin (2011 [1979]) explica que as diferentes vozes que perpassam o objeto do discurso também oferecem ao sujeito horizontes apreciativos, isto é, o objeto não é apresentado como produto neutro ou criação subjetiva, mas é valorado, ressaltado, enfim, perpassado por diferentes vozes socialmente determinadas e que também orientam a relação emotivo-volitiva do sujeito em relação ao objeto do discurso.

Frente às discussões envolvendo os conceitos de ideologia e valoração, entendemos que Bakhtin e Volochínov (2009 [1929]) buscam elucidar a natureza de ambas as discussões, concebendo a natureza social do discurso. Assim, os autores esclarecem que a tomada de posição do sujeito socialmente situado não pode ser entendida como resultado do pensamento individual, mas reflete e refrata, em sua palavra, ideologias e concepções socialmente construídas. Além disso, para a compreensão dos conceitos discutidos na presente seção, se faz necessário o conhecimento do conceito de enunciado, concebido em termos bakhtinianos. Nessa perspectiva, ao relacionarmos as discussões acerca do enunciado, da ideologia e valoração, compreendemos que nenhum enunciado é neutro, mas atravessado por tons emotivo-volitivos que se entrecruzam, entram em conflito, isto é, não são alheios a si mesmos.

Seguindo as considerações acerca da natureza da ideologia e do conceito de valoração, discutimos, na seção 4, o conceito de relações dialógicas, isto é, das relações semântico-valorativas, com base na proposta do Círculo de Bakhtin.

#### **4. As Relações Dialógicas**

Nesta última seção de revisão teórica, propomos a discussão de mais um dos conceitos que perpassam as obras do Círculo, isto é, as relações dialógicas. Conforme Bakhtin (2010 [1929]), as relações semântico-valorativas se situam no extraverbal, domínio esse denominado pelo autor de “metalinguística” (BAKHTIN, 2010 [1929]). Nesse sentido, o autor explica que as relações dialógicas são relações de sentido concretizadas no confronto de enunciados concretos, ou seja, no encontro de enunciações produzidas por diferentes sujeitos.

Se negarmos a neutralidade do enunciado, questão discutida nas seções anteriores, entendemos que todo enunciado carrega valores, ideologias, ou seja, toda enunciação é atravessada por posições, por julgamentos valor. Em outras palavras, assumimos, ao mesmo tempo, o colorido de vozes outras que envolve o nosso próprio discurso, pois, na alteridade, ou seja, na interação com o outro, nos comunicamos somente através de enunciados concretos, que carregam, por sua vez, posições semântico-axiológicas e que se enfrentam no domínio do discurso. Esses juízos de valor não são alheios ao enunciado, pois constituem seu domínio de sentido.

Para Bakhtin (2010 [1929]), o enunciado é entendido, assim, como espaço de encontro de diferentes posições semântico-axiológicas. Vale ressaltar, no entanto, que o confronto entre diferentes vozes não se reduz à polêmica ou à paródia. Conforme o autor, essas formas de dialogismo são as mais óbvias, porém não são as únicas, pois há diálogo na confiança em relação à palavra do outro, na concordância, na combinação de muitas vozes, enfim, nas diferentes situações em que se assume a concretude das relações dialógicas. Nesse sentido, ao assumirmos as diversas relações valorativas que estabelecemos com a palavra do outro, concordamos com Bakhtin quando o autor afirma que “[...] o discurso se converte em palco de lutas entre duas vozes.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 221), levando em conta as ressalvas feitas pelo autor acerca da natureza das relações semântico-valorativas.

Ainda no que diz respeito às relações dialógicas, convém observar que, embora tenham no diálogo imediato sua representação mais evidente, conforme discutido na seção sobre enunciados e gêneros do discurso, há relações semântico-axiológicas no confronto de pontos de vista,

juízo e apreciações, desde que constituam o encontro de enunciados de diferentes sujeitos, ou seja, devem ter um autor e se materializar enquanto posição única e socialmente constituída. Sendo assim, as tonalidades dialógicas, segundo Bakhtin (2010 [1929]), permeiam uma obra situada em determinado período de tempo, discursos, palestras, por exemplo, enfim, toda tomada da palavra que se concretize na comunicação discursiva. Em adição, as relações dialógicas estão presentes na apreciação interior, mesmo que não seja explicitada, ou no dialogismo entre vozes sociais e históricas, desde que nesse enfrentamento haja relações semântico-valorativas.

Além disso, essa relação de sentidos não é possível somente entre enunciações completas, mas em suas partes significantes, desde que representem posições semânticas, ou seja, “se ouvimos nela a voz do outro” (BAKHTIN, 2010 [1929], p.210). Em vista disso, o confronto de vozes de diferentes sujeitos é possível entre palavras isoladas, entre estilos de linguagem, dialetos sociais, enfim, em qualquer parte do enunciado, desde que inseridas na comunicação discursiva, ou seja, na vida autêntica da palavra, e representem posições sociais. Sobre essa questão, Faraco (2009) explica que, para haver relações dialógicas, qualquer material linguístico deve ter entrado na esfera do discurso, ou seja, deve ter se transformado em um enunciado e “tenha fixado a posição de um sujeito social” (FARACO, 2009, p. 66). Em síntese, as relações semântico-valorativas só existem no âmbito do discurso, isto é, na vida concreta da língua.

Nesta seção, buscamos discutir o conceito de relações dialógicas, relacionando-o a outras considerações do Círculo, como enunciados, ideologia e valoração. Entendemos, dessa maneira, que a compreensão da natureza das relações dialógicas prescinde do conhecimento de outras discussões do Círculo de Bakhtin, sob o risco de concebermos as relações semântico-valorativas equivocadamente.

## **5. Considerações finais**

Neste artigo, buscamos desenvolver uma discussão teórica envolvendo conceitos trazidos pelo Círculo de Bakhtin no decorrer de suas obras. Para tanto, revisitamos primeiramente os conceitos de enunciados e gêneros do discurso. Em seguida, discutimos os conceitos de ideologia

e valoração, buscando entender como o Círculo concebe essas discussões e, por fim, abordamos as relações dialógicas de acordo com a concepção bakhtiniana.

No decorrer das discussões, foi possível entender que o Círculo não circunscreve os conceitos a apenas uma discussão acabada, mas os retoma em diferentes obras e busca estabelecer diálogos entre as referidas discussões. Sendo assim, para que haja compreensão mais consistente dos conceitos trazidos pelo Círculo, se faz necessária uma leitura que abranja diferentes textos ao mesmo tempo em que o leitor busque entender as nuances de sentido, as retomadas que o Círculo faz de conceitos e os discute em novas situações de interação. Em adição, entendemos a necessidade de retomar, ainda que brevemente, conceitos já discutidos em outras seções, pois, além de dialogarmos com discussões anteriores, evitamos possibilidades de equívocos teóricos ou que nos distanciemos da concepção do Círculo.

Frente a isso, entendemos que a releitura e reflexão das discussões do Círculo contribuem para o aprofundamento dos conhecimentos sobre a concepção de linguagem em termos bakhtinianos, bem como possibilita um diálogo estreito com as ideias apresentadas pelos pensadores na obra. Finalmente, ressaltamos que o percurso desenvolvido no presente trabalho consiste em apenas uma das possibilidades de reflexão acerca das teorizações bakhtinianas e que não exaure possibilidades de adoção de outros caminhos teóricos e rotas de estudo.

## Referências

ACOSTA PEREIRA, R. **O gênero carta de conselhos em revistas online:** na fronteira ente o entretenimento e a autoajuda. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2012.

\_\_\_\_\_. **O gênero jornalístico notícia:** dialogismo e valoração. Dissertação (mestrado). – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2008.

\_\_\_\_\_.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.



BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica). Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

\_\_\_\_\_.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1929].

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARIA E SILVA, A. P. P. de. **Relatos dialógicos da clínica**: um olhar discursivo sobre relatórios de atendimento psicopedagógico. 2010. 208f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Capinhas, SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLOCHÍNOV, N. V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].